

A consulta

Bruno Kampel(1)

Hilário acordou não muito bem disposto. Aliás, como era praxe nos últimos meses, o despertador, além de o trazer de volta à realidade, desencadeava também um aluvião de urgências que precisavam ser atendidas, uma por uma.

A primeira delas, imprescindível para poder continuar com o dia que se iniciava, era a de pular da cama logo que a campainha do relógio soasse, ir correndo até o armário e abrir-lhe as portas de supetão, tentando com tal gesto surpreender aos fantasmas que lá passavam as noites, fato do qual estava absolutamente convencido ainda que não dispusesse de provas materiais suficientes para poder agir em conseqüência.

Sim, estava completamente persuadido que entre as dobras das sombras que as horas noturnas e soturnas fabricam na penumbra modorrenta da madrugada, e aproveitando-se da sua necessidade fisiológica de dormir algumas horas, eles - os fantasmas invasores - acomodavam-se em todas as estantes do seu guarda-roupa e lá ficavam até o soar do despertador, dedicados única e exclusivamente a conspirar contra ele, planejando a sua morte.

A bem da verdade, pode-se afirmar sem medo de errar que tinha treinado até a exaustão a melhor maneira de pular da cama logo que o primeiro "trim" do despertador rompesse o silêncio do seu quarto, e sem perder tempo correr até o armário e escancarar de par em par todas as portas do mesmo à procura do tal do flagrante delito, mas para a sua desgraça os fantasmas - que infelizmente de bobos não tinham nada - até a presente data haviam conseguido burlar a armadilha que lhes preparava cada manhã, pois tinham demonstrado ser muito mais rápidos do que ele, levando-se em consideração o fato de que não conseguira pegá-los com as mãos na massa. A bem da verdade, nem sequer alcançara a vê-los.

A segunda urgência matinal - tão inadiável como a primeira - era a de ir até banheiro, entrar lá, e ficar de costas para o espelho até que este, pensando que ele não estivesse interessado em se olhar, baixasse a sua guarda. Então, girando como um acrobata, Hilário ficava de frente para o reflexo de si mesmo, vitorioso, pois mais uma vez conseguia ludibriar ao espelho, introduzindo sua imagem dentro dele.

E assim o fez desta vez, e enquanto cumpria a rotina diária de barbear-se não deixava - nem por um segundo - de espiar pelo rabo do olho o que acontecia no cesto da roupa suja, pois dispunha de informações fidedignas sobre uma possível armadilha mortal que os fantasmas teriam armado dentro do cesto, e da qual ele era o único destinatário.

Felizmente - se bem que por um simples acaso do destino - descobrira que se abrisse o cesto às 7 horas 17 minutos e 35 segundos, nada de mal lhe aconteceria. E ele atuava em conformidade com essa premissa, pois caso contrário - assim pensava - certamente há muito teria perdido essa guerra sem quartel que lhe haviam declarado os malditos e escorregadios fantasmilhas.

Uma vez concluído o banho de chuveiro, já barbeado como manda o figurino e corretamente vestido como exige a moda imperante, ficava ainda pendente de solução a terceira urgência matinal: o desjejum. E a cozinha era o destino natural para o qual dirigir os seus passos.

Em lá chegando, e enquanto o pão não torrava e o leite não fervia, encostou uma cadeira na porta do forno - como de hábito o fazia - pois tinha certeza absoluta que lá também estavam eles, esperando qualquer descuido de sua parte para executar a parte final do seu plano assassino. Depois de ter quebrado o jejum retornou ao banheiro, e cumprindo a quarta urgência, que também servia como despedida antes de sair, enfiou a cabeça na máquina de lavar e gritou as consignas do dia:

" A rainha do Paraguai é a prima do urinol do general! O edifício recusa submeter-se à educação sexual! Tirem as mãos de baixo do Canal da

Mancha!".

Depois dessas três, e gritando quase até perder a voz, deu as últimas instruções, pois não gostava de sair deixando as coisas sem um rumo certo, sem uma diretriz clara:

" Os genitais do carro exigem novos amortecedores! Estrangulem a todos os sacrifícios inúteis! Basta de sepulturas dietéticas e sobremesas mortais! Que a democracia tire a roupa e mostre a cara!".

Retirou a cabeça, foi até o quarto de serviço, apanhou o guarda-chuva que placidamente dormia aberto na cama da empregada que não tinha, bateu continência, e num passo marcial dirigiu-se até a porta, pela qual saiu a caminho do novo dia que lá fora, na intempérie, há muitas horas o esperava.

Mesmo morando no vigésimo andar usava para circular apenas e nada mais do que a escada, pois sabia do conluio existente entre o elevador e os seus algozes, já que havia recebido informações privilegiadas de fonte absolutamente anônima que não deixavam dúvidas ao respeito.

Em cada andar que passava interrompia a descida por alguns segundos e abria as portinholas das bocas do lixo, pois essa era, na sua opinião, a melhor estratégia para averiguar se estava sendo seguido, já que segundo seus cálculos hipotéticos essa seria a via de entrada e saída pela qual os fantasmas circulavam impunemente por todas as veias e artérias do edifício.

Depois de descer os 433 degraus que separavam o seu apartamento da realidade matutina, finalmente chegou à garagem do terceiro subsolo do prédio, lugar onde pernoitava o seu carro, e antes de entrar no mesmo cumpriu todas as instruções que havia estudado nos livros especializados e que serviam para descobrir se algum dos fantasmas havia aproveitado a noite para infiltrar-se no veículo.

Primeiramente, como indicava o manual de feitiçarias, mexia as cadeiras num ligeiro rebolado ao mesmo tempo em que dava três voltas sobre si mesmo, pondo a mão esquerda sobre a cabeça e a direita no traseiro, justo sobre a nádega oposta. Depois, e finalizando o mini ritual de que se compunha a investigação, pronunciava 3 vezes a palavra mágica "mashishumiklin", a qual, segundo pudera comprovar lendo diversos testemunhos e não poucos artigos jornalísticos sobre o tema, tem

fulminantes efeitos anti-fantasmagóricos.

Isto feito, e muito mais tranqüilo quanto à sua segurança pessoal, entrou no carro, deu a partida ao motor - o qual milagrosamente respondeu positivamente na primeira tentativa - e iniciou a viagem através da manhã que já estava quase pela metade, e bastante cansada de esperá-lo.

A distância a percorrer não era grande coisa, e durante a viagem ertia-se olhando pelo espelho retrovisor a agilidade elástica e atlética com que os fantasmas corriam sem cessar atrás do carro numa evidente tentativa de não perdê-lo de vista. Ele, então, cada vez que os via aproximar-se do carro acelerava e acelerava e acelerava, e assim novamente os perdia de vista, o que lhe infundia uma enorme confiança em si mesmo, pois nesses momentos se sabia superior a eles.

Hoje - pensou enquanto esperava que o sinal ficasse vermelho para avançá-lo - era um dos dias que menos gostava, pois era o dia da semana em que devia ir à consulta na Clínica Psiquiátrica.

A verdade é que não achava nenhuma graça nem acreditava em qualquer um dos tratamentos que tinha experimentado ao longo da sua vida. Francamente, detestava as perguntas idiotas que ouvia, as respostas sem sentido que dava, os remédios, e principalmente odiava a idéia de que tudo o que acontecia no mundo devesse ter uma explicação racional, como pretendiam alguns.

Se existia alguma coisa sobre a qual pudesse assegurar que estava absolutamente seguro era a sua profunda e dogmática convicção de que a loucura não existia.

E assim, enfim, de sinal em sinal, de idéia em idéia, o trajeto foi completado e chegou ao destino planejado.

Antes de sair do carro - e usando uma precaução que nunca o abandonava - ligou um aparelho invisível cuja única função era alertá-lo no caso de que algum espião sobrenatural entrasse no seu veículo.

Satisfeito com a sua perspicácia - da qual dava fé ante o tabelião da vida - colocou todas as trancas imagináveis e imaginadas, saiu, passou a chave, olhou-se no vidro ajustando a gravata que esquecera em casa, e assobiando uma letra sem música - aquela sem palavras, que era da que mais gostava - abriu a porta da Clínica e entrou, disposto a aceitar a consulta como parte do pedágio que a vida cobra daqueles que querem viver sem preconceitos.

Pois bem. Foi só o pobre do Hilário pôr os pés no chão da clínica e todo o bom humor que fora acumulando desde que acordara esfumou-se num abrir e fechar de olhos, pois constatou que mesmo havendo chegado quase uma hora antes do início das consultas, mais uma vez encontrava a sala de espera repleta de pacientes.

Sim. Esse era um dos traumas do Hilário: jamais conseguia ser o primeiro a chegar, ou no mínimo um dos primeiros a chegar.

O pequeno cubículo estava - como se diz vulgarmente - com gente saindo pelo ladrão, sem lugar para nem sequer mais uma agulha. O palheiro - pensou enquanto sucumbia perante a realidade que se lhe deparava - estava lotadíssimo.

Ante tal situação, e como sempre lhe ocorria quando algo imprevisto se interpunha entre ele e os seus desejos, perdeu literalmente o rumo, ficando a olhar com olhos que não viam, sem saber o que fazer nem como agir ou o quê dizer, pois estava total e completamente desorientado.

Quando já começava a perder o equilíbrio, que era um dos sintomas físicos que bem conhecia e tanto temia, eis que ouviu a voz tranqüilizante e salvadora da enfermeira-recepcionista, que aproximando-se dele, e com um sorriso profissional pendurado nos lábios o recebeu alegremente, e ao mesmo tempo em que o puxava leve e delicadamente por um braço sussurrava-lhe melodiosamente ao pé do ouvido:

" Bom dia doutor Hilário! Logo que estiver pronto por favor me avise que mando entrar o seu primeiro paciente".

[Bruno Kampel](#) é um escritor brasileiro, nascido no Rio e que atualmente reside na Suécia, possui uma página literária em <http://www.kampel.net>